

O idoso estrangeiro em sua cidade: significado de um passeio.

Rita Duarte do Amaral

Palavras-chave: idosos, instituição, vínculo, passeio, estrangeiro

Este artigo propõe-se a relatar o "Projeto Passeios", atividade realizada mensalmente numa Instituição de Longa Permanência para Idosos localizada em Guarulhos, São Paulo iniciada no segundo semestre de 2002.

Esta Instituição de caráter filantrópico foi inaugurada em novembro de 1997, como marco de ação de graças pela comemoração do primeiro centenário das Irmãs da Congregação de Santa Catarina no Brasil. Atende pessoas de ambos os sexos, com idade superior a 60 anos, não acamadas, em condições físicas e de saúde compatíveis com a idade, que não disponham de condições para viver com autonomia e independência em relação à moradia, alimentação e cuidados mínimos de higiene e segurança. A população atendida é de aproximadamente 50 residentes.

Venho atuando como voluntária na Instituição desde fevereiro de 2002 e através de minhas observações iniciais fui percebendo que os idosos sentiam-se desmotivados; o tempo ocioso era grande e as horas custavam a passar.

Cortelletti (2004, p.18) comenta que: “Nas instituições asilares o institucionalizado vive em espaço fechado, realizando as mesmas atividades com o mesmo grupo de pessoas, no mesmo horário, atendendo às exigências institucionais e não as pessoais, sofrendo assim, a restrição de outras vivências externas”.

Em conversas com os residentes, os mesmos relatavam que se sentiam desanimados: *”Ficamos aqui olhando as quatro paredes”* dizia um senhor que outrora foi proprietário de um restaurante em São Paulo e que a inadequada gestão de seus negócios ou

a economia do país deixaram-no sem recursos financeiros, sendo a instituição asilar uma solução.

Como preencher este vazio? A constatação desta situação encontrada nos leva a propor algumas alternativas que poderiam contribuir para a transformação qualitativa das casas asilares. Casara (2004, p.57) sugere implementar "a organização e o desenvolvimento de atividades físicas, intelectuais, religiosas, sociais que motivem o idoso, tirando-o de sua inatividade, estimulando-o ao convívio social, ao desenvolvimento da linguagem e à busca de sentido para o seu dia-a-dia".

Aos poucos fui realizando um trabalho de intervenção junto aos idosos com diversas atividades: dança Sênior; jogos de cartas, dominó; montagem de quebra-cabeças; rodas de leitura e de conversa, exibição de filmes com posterior discussão, etc.

A partir do meu contato semanal com os residentes foi se construindo um vínculo de confiança deles comigo. Este vínculo de confiança também se firmou entre o profissional e a Instituição, pois esta é a responsável legal pela pessoa institucionalizada.

O isolamento e o confinamento dentro da Instituição me instigavam. As novidades são trazidas pelos funcionários ou por mim, que vêm de fora, da rua. Na sua maioria os residentes são oriundos de famílias de poucos recursos financeiros e o seu universo é muito limitado de experiências novas e de lazer. Muitos idosos ocuparam suas vidas inteiras só com trabalho.

Surgiu então a idéia de se levar os idosos a visitarem e revisitarem lugares conhecidos da cidade onde habitaram e circularam anteriormente. O que mudou em São Paulo? Como estará aquele bairro aonde eu morei? O que existirá agora no lugar do *Mappin* ou como estará o centro velho da cidade? Guardamos na nossa memória as lembranças destes lugares. Halbwachs (2006, p.170) nos diz que: "É ao espaço, ao nosso

espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir- que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça”. O "Projeto Passeios" torna possível para esses idosos que revisitem estes lugares que foram significativos em suas vidas. Quando visitamos a Catedral da Sé, uma senhora ficou muito emocionada, pois sua última ida àquela igreja tinha sido no ano do IV Centenário (1954) no dia da sua inauguração. Outro senhor não ia ao cinema há 20 anos e ficou admirado com a nova arquitetura dos cinemas dos shoppings, em formato de estádios.

O ponto de partida deste projeto foi a realização de uma pesquisa de opinião com os residentes para saber dos seus interesses em sair da instituição para um passeio e de suas preferências de lugares a serem visitados. O resultado foi surpreendente: queriam sair, não importava aonde.

Algumas pessoas muito limitadas por doenças incapacitantes nem desejam nada. Para estes residentes, o cotidiano da instituição é o seu suporte. Eles circulam entre os cuidados dispensados pelos profissionais, idas e vindas ao refeitório e aos seus aposentos, algumas atividades religiosas e muitos cochilos nos intervalos destas atividades. Outros disseram preferir ficar, gostam de saber aonde foram seus amigos e isto os satisfaz. Sentem-se seguros dentro da Instituição e sair é ameaçador.

"Sabe, eu estou com medo de sair devido à minha diabetes. Nem à casa do meu filho eu quero ir. E se eu não passar bem lá? Aqui eu sou atendido rapidamente" diz um senhor que tem apresentado crises de hipoglicemia.

Foi realizada uma experiência piloto num bairro próximo à Instituição e depois partimos em direção a São Paulo, pois Guarulhos não oferecia muitas opções.

Para a maioria das pessoas essa é a única oportunidade de saírem para uma atividade cultural e de lazer, pois a maioria das saídas é para consultas médicas. Quando saem com seus familiares em geral ficam na casa destes, não exploram a cidade.

A instituição tem uma Van com sete lugares. Muitas vezes ponho meu carro à disposição para que mais pessoas também possam passear. Sempre obtenho informações sobre a acessibilidade do lugar a ser visitado; às vezes levo residentes em cadeiras de rodas. Algumas vezes, dependendo do grau de dependência das pessoas que saem, é requisitado outro profissional, em geral, um auxiliar de enfermagem que acompanha o grupo.

Quando vamos a museus sempre agendo visitas guiadas, pois são muito mais interessantes e instrutivas. Os idosos com facilidade logo estabelecem uma “relação de amizade” com estes profissionais. Temos revisitado São Paulo: o centro da cidade, a Pinacoteca, o Museu do Ipiranga, o Horto Florestal, o Museu do Imigrante, o Museu de Arte Sacra, o Parque do Ibirapuera, o Teatro Municipal e tantos outros lugares. Nos finais de ano nosso destino tem sido os shoppings para que se possa observar os arranjos de Natal, os presépios, as vitrines.

"Que bom, a gente vai ter o que contar" foi a exclamação que ouvi de uma idosa de 90 anos, que eu conduzia no meu carro, ao sair para um passeio ao Museu do Ipiranga. Esta mesma pessoa, ao voltar disse suspirando: *"Acho que agora eu não volto nunca mais!"* Ela estava contabilizando suas visitas ao museu, pois sua última visita ao Ipiranga, bairro onde também tinha morado durante muitos anos, tinha acontecido há sessenta anos passados.

O dia do passeio é esperado, e percebo que vestem suas melhores roupas. Em geral tomamos um lanche e este segue prescrição médica.

Tudo chama a atenção deles na rua: os outdoors, os transeuntes, o cheiro dos lugares. Poderia dizer que *são estrangeiros na sua própria cidade.*

Quando saímos, no carro o passeio já se inicia com as observações que os idosos vão fazendo pelo caminho. Ao passarmos por uma grande floricultura uma das senhoras comenta com a outra:

"Se a gente pudesse olhar de perto!" E *"Ah! A gente não vê mais nada dessas coisas. Eu estou aproveitando de ver as coisas. A gente não vê nada mais..."*.

"Estou olhando as lojas, modelos de roupa nova..." Só da gente tá no carro, olhando estas coisas é uma beleza. *Alegra a gente!"*

Quando retornam para a Instituição, comem com mais apetite, alegres e falantes contam as novidades para os que ficaram e para os funcionários; agradecem muita a oportunidade que tiveram de passear.

Na maioria das vezes na volta do passeio peço que digam uma palavra que sintetize o que sentiram naquelas horas em que estiveram fora. As palavras são sempre muito positivas: *lindo, um dia inesquecível, alegria, graças a Deus*. Uma residente que está na instituição há poucos meses disse que sua palavra era *leve* explicando-me que aquele dia estava sentindo um peso no peito desde manhã e que agora tudo tinha passado. *"Estou leve"* disse sorrindo.

Sair da Instituição para muitos residentes significa passar horas agradáveis, esquecer sua rotina, experimentar até alguma comida diferente, sentir o pulsar da grande metrópole, observar as pessoas correndo atrás do tempo, nos pontos de ônibus, tudo enfim que se desvela à curiosidade de um estrangeiro na sua passagem.

Todos os passeios são registrados por mim com minha máquina fotográfica e na semana seguinte ao passeio, as fotos são expostas num quadro de avisos na Instituição. Desta forma, os residentes sentem-se valorizados porque aparecem nas fotografias (muitos

não são fotografados há muito tempo) e podem compartilhar com seus companheiros de residência o que viram e fizeram quando saíram.

Quando voltamos de um passeio a um centro de convivência, onde idosos passam uma parte do dia, mas moram sós ou com parentes, um deles comentou: "*É bom, mas eu prefiro o nosso Lar...*". Esta fala revela que este residente fez uma avaliação de outro modo de morar, de conviver, de outro espaço e considera que a instituição onde ele está é o lugar que lhe dá segurança, é o que ele gosta de pertencer.

A seguir, apresento uma experiência de uma saída com uma idosa que é portadora de demência tipo Alzheimer. Muitas vezes a Sra. R. manifestou-se interessada em sair, mas sempre desistia. Via seus companheiros saírem, mas não se aventurava. Um dia, tomou coragem, procurou-me e disse que queria participar do passeio. Durante o mesmo percebi que queria ficar de mãos dadas comigo como se estivesse receosa de me perder. A Sra. R. me perguntava repetidas vezes:

"Você tem certeza que sabe o caminho de volta? Quem virá nos buscar? Estou me sentindo num outro mundo".

Ao mesmo tempo, achava tudo interessante, bonito. Ela oscilava entre a sensação de bem estar e de desconfiança. A cada nova pergunta eu procurava tranquilizá-la afirmando-lhe que sabia o caminho de volta, que o motorista viria nos buscar no horário combinado.

A sensação de estar fora do mundo, era uma sensação de estranhamento, de insegurança, mas minha disponibilidade de se estar junto dela, "*segurando-a pela mão*" lhe dava sustentação. Como nos relata Barreto existem situações em que notamos que não há muito que fazer, mas só a nossa presença já significa muito para o acompanhado. Segundo o autor: "Penso que o valor dessa experiência não se dá somente por haver um corpo junto ao corpo do paciente - a proximidade de dois corpos, mas por ser um corpo habitado, um

corpo atento, um corpo que carrega a historia do próprio vínculo... Um outro sujeito é capaz de compartilhar as experiências do acompanhado." (Barreto,2004,p.64)

Nos passeios os idosos mostram-se carinhosos com os que acabaram de conhecer revelando disponibilidade afetiva no convívio social.

Ressalto a importância e o significado dos passeios pela cidade para estes residentes. Costumam perguntar: "*Quando vai ter passeio de novo?*" Ultimamente passaram a sugerir lugares para serem visitados. Museus, parques ou instituições similares são objetos de desejo para novas oportunidades de sair. Outro dia andando pelos jardins da Instituição, uma idosa¹ que passou a sair comigo olhou para um grande prédio de apartamentos e me disse: "*Você me leva lá?*". Muitas vezes os idosos me dizem que pretendem voltar ao lugar visitado na companhia dos filhos e se interessam em saber se aquele lugar estará aberto no fim de semana, trazem prospectos destes lugares para mostrarem para seus parentes e amigos. Quais foram os resultados depois que o projeto foi implantado? Pode-se dizer que estes idosos tem manifestado mais suas vontades ao proporem lugares para visitar, travam alguns contatos mesmo que breves com outros idosos fora da instituição o que eu percebo ser muito prazeroso para eles. Lembrar de um lugar que possa ser visitado ou ser convidado para sair, esperar o dia do passeio, escolher a roupa, arrumar-se, andar de carro, olhar a cidade, os transeuntes, desfrutar do passeio, conhecer outras pessoas, estar com seus companheiros de moradia numa outra atividade traz mudanças na dinâmica de convivência entre eles estreitando vínculos.

¹ Esta idosa está nesta Instituição há 3 anos. Está institucionalizada há 24 anos com diagnóstico de esquizofrenia. Ela via outros residentes saírem e manifestou o desejo de sair também. Fizemos uma experiência nas proximidades da ILPI pois ela dizia que quando saísse não retornaria. D. comportou-se adequadamente e passou a integrar o grupo dos residentes que passeiam. Toda semana me pergunta se tem passeio e quando eu anuncio a saída é uma das primeiras a se inscrever.

Revisitar a cidade, acompanhar estes velhos nos passeios, estar atenta neste acompanhamento traz à tona uma reflexão do Acompanhamento Terapêutico para Idosos . Estes sujeitos requerem uma escuta diferenciada afinada com a especificidade da gerontologia por um profissional que esteja preparado para acompanhá-los .

Houais define a palavra acompanhar como "estar ou ficar junto a (alguém), constantemente ou durante certo tempo; fazer companhia a, conviver ou compartilhar as mesmas situações com, ou ser companheiro, deslocar-se junto ou seguir na mesma direção.." Acompanhante e acompanhados, dinâmica que se dá nos encontros que se estabelecem. As histórias que se cruzam entre os acompanhados que tem no espaço da rua, na companhia dos seus pares nos passeios, no espaço aberto à escuta, oportunidades para aflorarem amizades e situações de confiança que podem se aprofundar.

O AT (Acompanhamento Terapêutico) com idosos surge como alternativa adequada de intervenção nas Instituições de Longa Permanência de Idosos como ação preventiva em espaços como estes como sugere Goldfarb(2006,p.83).

Referências bibliográficas

BARRETO, Kleber Duarte. Do que ressalta a função de *Holding* In_ *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico: andanças com Dom Quixote e Sancho Pança*.3 edição, São Paulo: Unimarco e Edições Sobornost,2005

CORTELLETTI, Ivonne A., CASARA, Miriam;HERÉDIA, Vânia. Institucionalização do idoso: identidade e realidade In_ *Idoso Asilado, um estudo gerontológico* (orgs.) Caxias do Sul ,RS,Educs/Edipucrs.,2004

GOLDFARB, Délia Catullo. Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas In_ *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo.SESC:PUC,2006

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço In *A memória coletiva* tradução de Beatriz Sidou . São Paulo. Editora Centauro, 2006

HOUAIS, Antônio; Villar, Mauro. *Dicionário Houais da língua portuguesa* . Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2001

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Autonomia e independência In_ *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo :Editora Atheneu,2002